

O PAPEL DO CURRÍCULO E DA AVALIAÇÃO NA ORGANIZAÇÃO ESCOLAR POR CICLOS DE FORMAÇÃO

Por Maria Tanise R. B. Antunes

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (9.394/96), em seu Art. 2º estabelece que educação é dever da família e do Estado, devendo ser inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade, tendo como fim o pleno desenvolvimento do educando para exercer sua cidadania e estar apto para o trabalho, sendo que em seus artigos subsequentes esclarece que é um direito de todos e que a qualidade de padrão deve ser respeitada. A própria criação dessa Lei em substituição a 5.692/71, já é resultado de inquietações entre os profissionais da educação e a sociedade em geral em busca de maior qualidade no ensino brasileiro. A nova LDBEN propiciou que estados e municípios organizassem os seus sistemas de ensino de forma autônoma, conforme suas regionalidades e necessidades.

É sabido que a escola não acompanhou os avanços tecnológicos e científicos da sociedade, além disso, as desigualdades sociais, o preconceito, a repetência e a violência muitas vezes têm levado ao abandono escolar. Essas são apenas algumas das inquietudes de nosso tempo. A busca por um caminho melhor, que conduza a uma aprendizagem significativa e que venha ao encontro das expectativas da comunidade levaram pensadores, teóricos, profissionais da educação, dedicarem seu tempo a esse estudo, elaborando teorias e metodologias de ensino que melhor se adequem a realidade de cada região. Assim, a escola organizada por ciclos ganhou espaço nesse contexto por se tratar de uma nova perspectiva para o tempo escolar. Em sua concepção, questões pedagógicas como currículo e avaliação são vistas com outra ótica e em consonância com a LDB. Perrenoud (2002) conceitua ciclos como sendo um “quadro integrador e de ponto de apoio a uma evolução do ofício de professor, dos programas e das formações escolares, da avaliação e da luta contra as desigualdades.”

Quanto à análise comparativa entre uma organização escolar por semestre ou ano e a escola ciclada, segundo Perrenoud teríamos

Um ano de programa cobre um currículo no qual se pensa poder deixar as variações entre alunos aumentarem sem que isso comprometa a própria possibilidade de continuarem a trabalhar juntos, pelo menos até as férias escolares. A regulação intervém no final do ano letivo, sobretudo por meio das reprovações. Em um ciclo de aprendizagem, cujo currículo cobre o equivalente a vários anos clássicos do programa, dificilmente se pode imaginar balanços sendo feitos apenas no final do ciclo, o que excluiria qualquer regulação contínua.

[...]

No âmbito do um ano letivo tradicional, pode-se manter a ilusão da homogeneidade, do tempo de “levar os alunos mais longe”; em um ciclo de dois ou três anos, pelo simples fato de tamanho, é praticamente impossível propor de modo constante as

mesmas atividades a todos os alunos em um mesmo grupo; há, pois, necessariamente percursos diversificados em um ciclo de aprendizagem. (PERRENOUD, 2000, p. 113, 114)

A organização escolar por ciclos faz-se presente em países como a Espanha, França, Argentina e alguns estados dos EUA. No Brasil, a escola por ciclos começou a ganhar espaço como uma tentativa de contribuir com a mudança educacional, apresentando-se por meio de programas diversos, algumas onde não há reprovação e outras que admitem a retenção ao final de cada ciclo.

As escolas que adotaram ciclos de formação no Brasil organizam o tempo escolar de acordo com as fases de crescimento humano, podendo ser divididas de dois a quatro anos. A Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul adotou a organização por ciclos de formação em 600 escolas do campo em 2014. Já, essa experiência no município de Porto Alegre ocorreu de forma gradual iniciando em 1989 e em 2000 todas as escolas estavam funcionando pela lógica dos ciclos sendo o 1º ciclo, segunda infância (6 a 8 anos); o 2º ciclo, pré-adolescência (9 a 11 anos) e o 3º ciclo, adolescência (12 a 14 anos).

No ciclo de formação, os trabalhos são estruturados com conteúdos pelas áreas do conhecimento e organizados pelas professoras e professores dos três Ciclos de Formação, considerando a visão de mundo da comunidade escolar com seus problemas mais significativos. Assim sendo, as escolas preocupam-se em apresentar espaços alternativos de apoio à aprendizagem tais como laboratórios, assessoria pedagógica e formação continuada para professores.

A avaliação é um dos temas que permeiam toda a concepção dos ciclos de formação. “Avaliar, no processo ensino aprendizagem, só tem sentido na medida em que serve para diagnóstico da execução do processo, em função dos resultados que estão sendo buscados na ação educativa.” (MELCHIOR, 1999, p.18). Portanto, deve ser processual, contínua, participativa, diagnóstica e investigativa, cujas informações ali expressas propiciem o redimensionamento da ação pedagógica e educativa, reorganizando as próximas ações do educando, da turma do educador, do coletivo no ciclo e mesmo na escola no sentido de avançar no entendimento e desenvolvimento do processo de aprendizagem.

A avaliação é um processo que pode viabilizar as aprendizagens no momento em que adotamos uma postura inovadora, tal qual a exigida do professor que trabalha com ciclos. Nessa perspectiva o aluno constrói seu conhecimento e o professor o orienta e a avaliação é mediadora:

O caminho para a avaliação mediadora não pode ser outro senão a busca de significados para todas as dimensões da relação entre educandos e educadores através da investigação sincera das peculiaridades dos aprendizes e das aprendizagens; visão de quem quer conhecer para promover e não classificar ou julgar; a certeza de que as incertezas são múltiplas em educação porque se baseiam em relações humanas, de natureza qualitativa. (HOFFMANN, 2009 p.49)

Verificam-se muitas vantagens a nível pedagógico com a organização por ciclos, principalmente para o aluno que tem o seu tempo/espço e individualidades respeitados. Além de sua progressão não ficar atrelada à tradição pedagógica.

Mas, se por um lado pode-se claramente constatar as vantagens de uma organização de ciclos comparada a anual, por outro, é muito mais exigido do professor, visto que o trabalho deste terá que ser diferenciado, requerendo mais planejamento e comprometimento, retirando-o de sua zona de conforto. Tanto a estrutura física quanto a organização pedagógica da escola necessitam de alteração e renovação o que, na verdade, é o esperado para a escola do século XXI.

REFERENCIAS

PERRENOUD, Philippe. **Os Ciclos da Aprendizagem:** um caminho para combater o fracasso escolar. Porto Alegre: ARTMED, 2002.

_____. **Pedagogia Diferenciada:** das intenções à ação. Porto Alegre: ARTMED, 2000.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliar para promover:** as setas no caminho. Porto Alegre: Editora Mediação, 2009

MELCHIOR, Maria Celina. **Avaliação Pedagógica:** função e necessidade. Porto Alegre: Editora Mercado Aberto, 1999.